

Diversificação *versus* especialização: apontamentos sobre emprego e produto no Vale do Taquari, nos anos 90

*Maria Isabel H. da Jornada**

Dando seqüência à divulgação dos resultados parciais da pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Estudos do Trabalho (NET) da FEE, denominada Mercados Regionais de Trabalho no Rio Grande do Sul: Manifestações da Reestruturação Produtiva¹, que já rendeu inúmeros artigos sobre a configuração do mercado de trabalho no Estado e nos respectivos espaços regionais² ao longo dos anos 90, focaliza-se, neste artigo, uma região específica do Rio Grande do Sul, o Corede Vale do Taquari. O Vale do Taquari, juntamente com outras três regiões — Serra, Fronteira Noroeste e Norte —, tem sido objeto da segunda parte da pesquisa, que pretende estudar em profundidade quatro trajetórias regionais diferenciadas, utilizando como critério de regionalização os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)³. Após uma primeira etapa em que se procedeu a uma análise das mudanças no mercado de trabalho e na estrutura

* Socióloga da FEE.

A autora agradece, de forma muito especial, à colega Sheila S. W. Sternberg, com quem compartilhou as reflexões aqui contidas, pelo apoio permanente. Igualmente, ao colega Guilherme G. de F. Xavier Sobrinho pela leitura arguta e pelas primorosas sugestões ao texto. Aos demais colegas do NET, companheiros de pesquisa, agradece pelas críticas e pelas pertinentes sugestões. Ao Fernando Niederauer, auxiliar de pesquisa contratado pela FAPERGS, o reconhecimento pelo auxílio no tratamento dos dados. Evidentemente, equívocos e omissões porventura remanescentes são de responsabilidade da autora.

¹ Projeto financiado pela FAPERGS e desenvolvido pelo Núcleo de Estudos do Trabalho da FEE, com a participação dos Professores Vânia Herédia (UCS), Sônia Larangeira e Fernando Cottanda (UFRGS).

² Dentre eles, Sternberg, Jornada, Xavier Sobrinho (2000), Sternberg (2000), Jornada (2001), Xavier Sobrinho, Sternberg e Jornada (2000) e Sternberg (2002). Uma síntese sobre aspectos selecionados do relatório da primeira parte do projeto, concluído em janeiro de 2002, encontra-se em Xavier Sobrinho (2002).

³ A seleção desses Coredes ocorreu em função do seu desempenho na década, avaliado através de um *ranking* construído a partir de um índice que combinou PIB *per capita* e emprego formal *per capita*. Ver o procedimento metodológico da estratificação dos Coredes em Xavier Sobrinho (2002).

produtiva na dimensão estadual e na regional, amparada em dados secundários⁴, intenta-se, mediante os depoimentos dos agentes sociais locais, identificar, nesses quatro espaços geográficos selecionados, os condicionantes para as performances diversificadas do mercado de trabalho, em especial aqueles associados ao desenvolvimento.

O trabalho de campo que atualmente vem sendo executado incorpora uma pluralidade de olhares sobre a realidade regional e, embora ainda incompleto, já sinaliza para fatores que favorecem e que inibem a performance do sistema produtivo e do emprego. Um aspecto que chama particularmente atenção, tratando-se do Vale do Taquari, é a convergência dos entrevistados para o entendimento de que a diversificação da atividade econômica na região opera como um fator de proteção frente às oscilações da conjuntura, o que teria garantido ao Corede um desempenho econômico positivamente diferenciado, no âmbito estadual, ao longo da década. A diversificação, nesse raciocínio, funcionaria como uma salvaguarda: se determinado segmento produtivo vai mal em decorrência de crises em mercados específicos, outros têm condições de compensar essas dificuldades, sustentando o nível da atividade econômica e, como consequência, do emprego.

Essa visão da realidade econômica regional capturada nas entrevistas serviu como uma provocação para que se adiantasse uma análise que articulasse as duas dimensões da pesquisa: aquela que se reporta aos dados secundários e aquela que se prende aos aspectos qualitativos extraídos dos depoimentos dos atores locais. Nesse momento, procurou-se, especificamente, examinar a estrutura do emprego formal e a do produto no Corede, buscando cotejar a percepção de uma diversificação econômica, apresentada pelos atores locais, com os dados secundários disponíveis.

Este artigo procura, portanto, analisar a estrutura produtiva do Vale do Taquari, enfocando, em especial, as evidências que afirmem sua diversificação ou, inversamente, sua concentração/especialização. Para tanto, depois de breves comentários sobre a conformação interna do Corede e de sua dinâmica populacional a fim de melhor situar a análise, volta-se a atenção, primeiramente, para a dimensão do emprego, considerando-se exclusivamente o mercado de trabalho formal, uma vez que os últimos dados disponíveis para o total da

⁴ Utilizaram-se as séries do Produto Interno Bruto e do Valor Adicionado Bruto (VAB) produzidas pelo Núcleo de Contabilidade Social da FEE, para a caracterização da base produtiva. Para a configuração do mercado de trabalho, foram utilizados os Censos Demográficos e as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs) do IBGE, bem como as séries das Relações Anuais de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

ocupação no âmbito municipal são do Censo Demográfico de 1991, portanto, defasados. O emprego formal é captado através da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), uma base de dados do Ministério do Trabalho e Emprego, que informa a situação e o nível do emprego legalizado em 31 de dezembro de cada ano. Ao se utilizar a RAIS, consegue-se cobrir a década de 90 conforme concebida no projeto, ou seja, o período 1989-99. A seguir, buscam-se, de forma mais direta, as evidências relativas ao grau de diversificação ou concentração setorial da base produtiva, examinando-se a composição e a evolução do produto regional. Toma-se, nesse momento, um período distinto do anterior para se abordar a década, em razão da disponibilidade dos dados. Por último, as considerações finais encaminham-se para o entendimento de que o rumo da economia do Vale do Taquari foi o inverso do da diversificação.

1 - Situando a análise: breve caracterização demográfica

Em 2000, ano do último Censo Demográfico, o Corede Vale do Taquari era composto por 36 municípios⁵, grande parte deles de pequeno porte pelo critério do tamanho da população. No início da década, em 1991, as pessoas residentes totalizavam 287.860 e, em 2000, 319.808 (3,1% do total da população residente no RS nos dois pontos), expressando praticamente o mesmo incremento populacional do Estado, 11,1%, o que foi muito maior para a população urbana, que teve um crescimento de 34,2% contra um decréscimo de 16,2% na rural. Tem-se assim que, se em 1991 54,2% das pessoas moravam nas cidades (156.010), em 2000, eram 65,4% nas áreas urbanas (209.300), mostrando o avanço do processo de urbanização na região. A população dividia-se em metade homens e metade mulheres, tanto em 1991 quanto em 2000 com taxas de crescimento muito próximas, 10,6% para os homens e 11,6% para as mulheres. A proporção de mulheres era maior do que a de homens no meio urbano (cerca de 51% da população residente nos dois anos), enquanto no rural era menor (48,2% nos dois anos). As taxas de crescimento tanto no urbano como no rural eram, igualmente, muito próximas para homens e para mulheres, não destoando da variação dos respectivos agregados (Tabela 1).

⁵ Destes, 12 foram criados após 1991, sendo que os quatro municípios emancipados em 1996 — Canudos do Vale, Coqueiro Baixo, Forquetinha e Westfália — ainda não figuravam oficialmente em 2000. Os dados referentes a esses quatro municípios estão incluídos nos dados dos municípios de origem.

Tabela 1

Evolução, de acordo com características selecionadas, da população residente do Corede Vale do Taquari — 1991 e 2000

DISCRIMINAÇÃO	1991	2000	Δ%
Situação de domicílio			
Urbano	156 010	209 300	34,2
Rural	131 850	110 508	-16,2
TOTAL	287 860	319 808	11,1
Sexo			
Homens	144 350	159 675	10,6
Mulheres	143 510	160 133	11,6
TOTAL	287 860	319 808	11,1

FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 1991; 2000.** Rio de Janeiro, 1993; 2001.

O município mais populoso é Lajeado, que respondia, em 1991, por 22,2% da população da região e, em 2000, por 20,1%, com um crescimento da população praticamente nulo, diferente do que pode ser observado para a população urbana, que cresceu 25,6%, e para a rural, que sofreu um decréscimo acentuado de 75,4%. Com isso, Lajeado afirma-se como um município eminentemente urbano, pois os habitantes da cidade, que eram 74,9% em 1991, passam a ser 93,8% em 2000.⁶ O segundo em importância é Estrela, com 9,3% em 1991 e 8,6% da população total do Corede em 2000, mostrando uma variação no contingente de 2,7%, sendo que, na zona urbana, o crescimento foi de 15,6%, e, na rural, observou-se um decréscimo de 33,3%. A exemplo do primeiro município, este também avança na urbanização: em 2000, 82,8% da população era urbana, contra os 73,5% de 1991. O terceiro município é Taquari, com 8,7% da população total em 1991 e 8,1% em 2000, apresentando uma variação populacional um pouco maior do que a dos anteriores (3,4%), verificando-se um incremento de 31% no meio urbano e uma queda de 44,3% no rural. A população urbana passou, então, de 63,4% para 80,3% em 2000, aparecendo, mais uma vez, um avanço na urbanização.

⁶ A queda expressiva da população na área rural do município deve ter sido influenciada pelas emancipações ocorridas durante o período. Lajeado sofreu desmembramentos, que deram origem a três novos municípios: Marques de Souza, Santa Clara do Sul e Sério. Aliás, cabe observar que quase todos os municípios que experimentaram grandes recuos no tamanho da população rural deram origem a novos municípios.

Três outros municípios ainda podem ser destacados: Arroio do Meio, com 6,6% e 5,3% da população total da região em 1991 e 2000, respectivamente; Encantado, com 6,3% e 5,8%; e Teutônia, com 6,1% e 7,2% da população total nos anos de 1991 e 2000 respectivamente. Teutônia é o município com maior crescimento populacional, com 30,2%, seguido de Poço das Antas, com 24,9%. Os Municípios de Dois Lajeados e Muçum tiveram a maior redução, -42,6% e -33,7% respectivamente.

Em suma, nove municípios exibiram crescimento populacional, enquanto 14 recuaram e um se manteve praticamente estável.⁷ Considerando-se a população urbana, em que todos os municípios mostraram taxas ascendentes, verifica-se que as maiores foram as dos municípios com uma população escassa, em que pequenas variações absolutas representavam variações relativas muito expressivas, como Paverama (91,9%), Poço das Antas (77,0%) e Fontoura Xavier (74,3%). Já ao se tratar da população rural, excetuando-se Poço das Antas, todas as variações foram negativas, sendo que as maiores quedas se registraram no já citado Município de Lajeado, em Muçum (-70,2%), em Dois Lajeados (-53,6%) e em Arroio do Meio (-53,0%).

A maior concentração urbana encontrava-se em Lajeado, 30,7% do total da população urbana da região em 1991 e 28,8% em 2000; secundada por Estrela, 12,6% e 10,8%; por Taquari, 10,2% e 9,9%; por Encantado, 8,6% e 7,7%; e por Teutônia, 7,5% e 8,3%. A população rural, por sua vez, encontrava-se bem mais dispersa entre os municípios do Corede, basta ver que, em 1991, Lajeado, que tinha a maior proporção da população rural, abrigava 12,2%; em 2000, Fontoura Xavier era quem tinha a maior proporção, agrupando 7,3% do total no campo.

Considerando-se unicamente a População em Idade Ativa (PIA) — indivíduos com 10 anos e mais —, que passou de 80,9% da população total do Corede em 1991 (232.859), para 84,4% em 2000 (269.924), observa-se um crescimento numérico de 15,9%, maior do que o da população total. A proporção de homens e de mulheres na PIA era praticamente equilibrada nesses dois anos, o que já fora constatado para a população total. Examinando-se a evolução nos dois pontos de tempo, tem-se um crescimento um pouco maior para as mulheres, 16,2%, do que para os homens, 15,7% (Tabela 2).

⁷ Somam-se a estes os 12 municípios novos, criados após 1991.

Tabela 2

Evolução, por sexo, da PIA do Corede Vale do Taquari — 1991 e 2000

DISCRIMINAÇÃO	1991	2000	Δ%
Homens	115 971	134 122	15,7
Mulheres	116 888	135 802	16,2
TOTAL	232 859	269 924	15,9

FONTE: IBGE. **Censo Demográfico 1991; 2000.** Rio de Janeiro, 1993; 2001.

Em uma perspectiva dos municípios, levando-se em conta os existentes em 1991, tem-se que 13 apresentaram expansão da PIA, enquanto 11 mostraram retração. As maiores perdas foram verificadas em municípios pequenos, em Dois Lajeados (-39,5%), em Muçum (-31,6%) e em Arvorezinha (-15,4%). As maiores taxas positivas ocorreram em Teutônia (34,8%), em Poço das Antas (32,5%) e em Ilópolis (15,8%).

Conhecidas essas circunstâncias do Vale do Taquari, pode-se iniciar a análise propriamente dita, pois já se dispõe de informações básicas para se visualizar o contexto regional de uma forma mais ampla.

2 - O mercado de trabalho formal no Vale do Taquari, nos anos 90

A década de 90, considerando-se o período 1989-99, foi marcada, no Rio Grande do Sul, pela retração do emprego formal (-3,4%), sobretudo na indústria de transformação, que experimentou uma queda de 18,2% no seu contingente empregado.⁸ O Vale do Taquari, ao contrário, expandiu o mercado de trabalho formal, inclusive na indústria, setor fortemente atingido pelas duras medidas de ajuste econômico da década e pelo vigoroso processo de reestruturação produtiva que tomou corpo, no Brasil, ao longo dos anos 90. O emprego na região cresceu 9,3% entre 1989 e 1999, alcançando uma cifra de,

⁸ Alerta-se para a limitada cobertura da RAIS, uma vez que a comparação entre o total de trabalhadores apreendidos pela RAIS de 1991 e o número de ocupados levantados pelo Censo Demográfico mostra que apenas 31% dos ocupados no Corede estavam no mercado de trabalho formal naquele ano.

aproximadamente, 61,8 mil trabalhadores com registro em carteira em 1999 contra os cerca de 56,5 mil em 1989, o que correspondia a 3,0% do emprego estadual nesse ano e a 3,4% em 1999.

Ao se considerar a participação dos municípios no emprego regional, observa-se uma forte concentração espacial, já que apenas seis municípios (Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Taquari, Teutônia e Encantado) abrigavam grande parte da força de trabalho da região: 81,3% da mão-de-obra do Corede no início da década e cerca de 72,0% no final. Dentre estes, Lajeado detinha a maior participação, mesmo perdendo posição no período, respondendo por 36,1% do pessoal formalmente empregado em 1991 e por 27,8% em 1999. Não se pode deixar de registrar que, embora persista a concentração, ela diminuiu ao longo desses anos, provavelmente como reflexo das emancipações.

A trajetória do emprego formal nos municípios que integram o Corede⁹ foi desigual. Nove deles experimentaram queda no nível do emprego (Muçum, Fontoura Xavier, Arvorezinha, Estrela, Cruzeiro do Sul, Lajeado, Putinga, Taquari e Bom Retiro do Sul), enquanto sete tiveram elevação (Ilópolis, Teutônia, Anta Gorda, Encantado, Roca Sales, Nova Bréscia e Arroio do Meio). Tanto em um quanto no outro grupo, há presença de municípios importantes na composição do emprego regional. No primeiro grupo, o destaque é Lajeado, que ostentou a maior diminuição absoluta, 3.255 postos de trabalho, um recuo de -15,9%, o que corresponde a pouco menos da metade do total de vagas suprimidas na região.¹⁰ Pode-se destacar também a retração do emprego em Estrela: 1.757 postos de trabalho, equivalentes a pouco mais de 25% das vagas eliminadas pelo conjunto desses municípios. Nos demais, a retração absoluta do emprego foi bem mais modesta, resultando em um pequeno impacto para a região, mas nem por isso menos importante para o município.

Os municípios que lograram aumento do emprego formal incorporaram, em conjunto, 4.510 postos de trabalho, dos quais cerca de 71% se devem a Teutônia, que, no período considerado, teve o maior acréscimo absoluto de trabalhadores formais (3.196). Esse município registrou também importante variação percentual do emprego — cerca de 79% —, a segunda maior da região, atrás apenas de Ilópolis, que teve avanço de cerca de 81% no número de trabalhadores formais.

⁹ Consideram-se aqui apenas os 16 municípios disponíveis na RAIS no ano de 1989, quais sejam: Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Cruzeiro do Sul, Encantado, Estrela, Fontoura Xavier, Ilópolis, Lajeado, Muçum, Nova Bréscia, Putinga, Roca Sales, Taquari e Teutônia.

¹⁰ As variações dos níveis de emprego nos municípios devem ser balizadas pelas emancipações ocorridas no período. Lajeado serve como exemplo. Os municípios novos que foram desmembrados de Lajeado acusavam, em 1999, 2.395 empregados. Se esse contingente for subtraído dos 3.255, que foi a variação de Lajeado, alcança-se 880, o que deve ser, na verdade, o número de postos de trabalho fechados no município.

No extremo oposto, encontra-se Arroio do Meio, que teve a menor variação absoluta e percentual no número de trabalhadores, 9% e 1,1% respectivamente.

No tocante à evolução setorial do emprego, os contrastes com o Estado são mais uma vez evidentes, especialmente na indústria de transformação, como recém-noticiado, e no setor serviços, em que o sentido do movimento do Corede foi o inverso ao do verificado para o congêneres estadual. A indústria de transformação do Vale do Taquari registrou um incremento de 7,1%, e o setor serviços, uma retração de 16,5%, quando no Estado ele cresceu 3,5%. Nos demais setores, excetuando-se serviços industriais de utilidade pública, o movimento nos dois espaços teve o mesmo sentido de crescimento, só que com intensidade muito maior no Corede: no comércio, a região teve expansão de 31,0%, e o Estado, de apenas 4,6%; na administração pública, o Corede alcançou uma variação de 69,9%, e o Estado, de tão-somente 5,9%; a construção civil cresceu 41,4% no Vale e 29,0% no RS; e a agropecuária, 8,0% na região e 148,2% no Estado¹¹ (Tabela 3).

Tabela 3

Distribuição percentual e variação percentual do emprego formal, por setores de atividade, no Corede Vale do Taquari — 1989 e 1999

DISCRIMINAÇÃO	1989	1999	Δ%
Extrativa mineral	0,2	0,3	76,6
Indústria de transformação	51,9	50,9	7,1
SIUP	0,4	0,8	127,1
Construção civil	2,4	3,1	41,4
Comércio	12,1	14,5	31,0
Serviços	21,6	16,5	-16,5
Administração pública	7,3	11,3	69,9
Agropecuária	2,6	2,6	8,0
Outros/ignorados	1,5	0,0	-100,0
TOTAL	100,0	100,0	9,3

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 1989-1999.

¹¹ Deve-se chamar atenção para o fato de que a RAIS não é adequada para aferir a ocupação no campo, pois capta somente a parcela dos trabalhadores com vínculo legal, que, no caso do Setor Primário, é ínfima. A expressiva taxa de variação no RS deve estar antes associada a um processo parcial de legalização das relações de trabalho no meio rural do que à geração de novos postos de trabalho. Por exemplo, o Censo Demográfico de 1991 acusava, no RS, 23,7% da população ocupada no campo, enquanto a RAIS, apenas 1,1% dos empregados no campo.

Com isso, a distribuição setorial do emprego no Vale do Taquari, em 1999, já não é a mais a mesma da do início da década, embora as posições relativas tenham se mantido inalteradas. A estrutura hierárquica encontrada em 1989 não sofreu ruptura. A indústria de transformação, ainda que tenha mostrado um pequeno recuo em sua participação, passando de 51,9% para 50,9%, permanecia como o setor mais expressivo na região.¹² O setor serviços aparecia na segunda posição, apesar da queda de participação experimentada (de 21,6% para 16,5%), seguido pelo comércio, que avançou de 12,1% para 14,5%, e pela administração pública, também com expansão na participação, passando de 7,3% para 11,3%. Os demais setores continuavam com pouca expressão no emprego regional, com participações inferiores a 3%. Ou seja, a indústria de transformação exercia a liderança na região, conservando uma grande distância do setor mais próximo, o serviços, e tinha um peso maior do que o seu congêneres apresentava no Estado.

Daí que, nesse nível de agregação setorial e tratando-se da variável emprego, não se pode falar em diversificação. Procura-se, então, avançar na análise, desagregando-se a indústria de transformação nos seus distintos subsectores para verificar a possibilidade de a diversificação estar localizada no interior dessa indústria.

A distribuição do emprego formal por subsectores industriais acusou, tanto em 1989 como em 1999, a predominância de dois segmentos produtivos, responsáveis, em conjunto, no primeiro ano, por 63,5% do pessoal empregado e, no último, por 71,1%. São eles: a indústria de calçados, que respondia por 41,8% do emprego em 1989 e 39,9% em 1999; e a de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, que ampliou a sua fatia do mercado de trabalho, de 21,7%, no início do período, para 31,2%. Ao contrário de uma diversificação, as mudanças na década apontam um aprofundamento do processo de especialização, basta ver que a indústria de borracha, fumos e couros, a terceira colocada nos dois momentos, perdeu 8,4 pontos percentuais de participação nesses 10 anos. A indústria de madeira e mobiliário, a quarta colocada na estrutura do emprego industrial, foi outra que perdeu participação, de 1,1%. Afóra produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, o segmento que mais ganhou foi química, que passou de 2,8% para 4,8%, tornando-se a quinta colocada no *ranking* do emprego fabril, em 1999 (Tabela 4).

¹² No RS, a indústria de transformação também experimentou recuo, perdendo a condição de liderança que tinha no início do período para o setor serviços, que, em 1999, detinha a maior participação no emprego estadual.

Tabela 4

Distribuição percentual do emprego formal, por subsetores da indústria de transformação, no Corede Vale do Taquari — 1989 e 1999

DISCRIMINAÇÃO	1989	1999
Produtos minerais não-metálicos	2,3	2,3
Metalúrgica	2,0	3,4
Mecânica	1,5	0,8
Material elétrico e de comunicações	0,1	0,1
Material de transporte	0,4	0,5
Madeira e mobiliário	7,0	5,9
Papel, papelão, editorial e gráfica	2,8	2,4
Borracha, fumo, couro, peles, similares e indústrias diversas	14,8	6,4
Química de produtos farmacêuticos, veterinários, perfumarias	2,8	4,8
Têxtil do vestuário e artefatos de tecidos	2,7	2,2
Calçados	41,8	39,9
Produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico	21,7	31,2
TOTAL	100,0	100,0

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 1989-1999.

A notável performance da indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, que também se destacou pelo acréscimo absoluto de postos de trabalho (3.434, o equivalente a uma variação de 53,9%), desperta o interesse em se conhecer a sua composição interna, pois a diversificação que se procura pode estar no interior do próprio segmento, o que ajudaria a entender o seu desempenho na década. Para tanto, construíram-se duas séries históricas — 1989 a 1993 e 1994 a 1999.¹³ Tomando-se o primeiro intervalo, observa-se que uma única subatividade econômica — abate de animais em matadouros e frigorífico — era responsável pela metade do pessoal empregado em 1989 e por um pouco mais da metade (57,9%) em 1993. As outras duas que se seguiam em 1989 — preparação e fabricação de produtos alimentícios diversos e fabricação de cervejas, chopes e maltes — tinham 12,7% e 11,3%, respectivamente, experimentando uma queda para 9,0% e 6,4%, respectivamente, em 1993. Nesse ano, a fabricação de balas, caramelos, pastilhas, etc., que se encontrava em quarta posição em 1989, avançou para a terceira, conservando, no entanto, os 8,3% (Tabela 5).

¹³ A mudança nos critérios de classificação setorial na base RAIS a partir de 1994 impede comparações com os anos anteriores sem a devida compatibilização.

Tabela 5

Evolução da distribuição percentual do emprego, por subatividade econômica, na indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, no Corede Vale do Taquari — 1989 e 1993

DISCRIMINAÇÃO	1989	1993
Beneficiamento, moagem, torrefação e fabricação de produtos alimentares ..	4,1	5,9
Refeições conservadas, frutas, legumes e outros vegetais	0,0	0,0
Abate de animais em matadouros, frigorífico	50,7	57,9
Preparação do pescado e fabricação de conservadas do pescado	0,0	0,0
Preparação do leite e fabricação de produtos de laticínio	6,5	5,5
Fabricação e refinação de açúcar	0,0	0,0
Fabricação de balas, caramelos, pastilhas, dropes, etc.	8,4	8,3
Fabricação de produtos de padaria, confeitaria e pastelaria	1,6	1,4
Fabricação de massas alimentícias e biscoitos	2,2	2,0
Preparação e fabricação de produtos alimentícios diversos	12,7	9,0
Fabricação de vinhos	0,2	0,2
Fabricação de aguardentes, licores e outros	1,9	2,7
Fabricação de cervejas, chopes e maltes	11,3	6,4
Fabricação de bebidas não-alcoólicas, inclusive engarrafamento e gaseificação	0,3	0,7
Destilação de álcool etílico	0,1	0,0
TOTAL	100,0	100,0

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 1989-1993.

No segundo intervalo, também se verifica uma tendência a concentrar mais, pois, em 1994, duas classes de atividade econômica (abate de reses, preparação de produtos de carne; abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de carne) empregavam 48,8% dos trabalhadores, e, em 1999, elas empregavam 53,5%. Cabe registrar que o abate de reses, preparação de produtos de carne, chegou perto de dobrar a sua participação, de 11,3% para 20,5%, enquanto o abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de carne recuou de 37,5% para 33,0%. Dentre as classes com significado para o emprego, perdeu posição a fabricação de produtos do laticínio (de 9,4% para 6,7%), e ganhou a produção de derivados do cacau e elaboração de chocolates, balas, etc. (de 7,3% para 10,5%). Esses quatro tipos de indústria, no final da década, eram responsáveis por 70,7% do emprego na indústria de produtos alimentares e de bebidas, contra os 65,5% do início (Tabela 6).

Tabela 6

Evolução da distribuição percentual do emprego, por classe de atividade econômica (CNAE/95) da indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, no Corede Vale do Taquari — 1994 e 1999

CLASSES DE ATIVIDADE ECONÔMICA	1994	1999
Abate de reses, preparação de produtos de carne	11,3	20,5
Abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de carne ..	37,5	33,0
Preparação de carne, banha e produtos de salsicharia não associada ao abate	4,1	4,0
Preparação e preservação do pescado e fabricação de conservas de peixes, crustáceos e moluscos	2,4	0,1
Processamento, preservação e produção de conservas de frutas	0,0	0,0
Processamento, preservação e produção de conservas de legumes e outros vegetais	0,0	0,2
Produção de sucos de frutas e de legumes	0,0	0,0
Produção de óleos vegetais em bruto	0,4	1,5
Refino de óleos vegetais	0,0	0,0
Preparação de margarina e outras gorduras vegetais e de óleos de origem animal não comestíveis	0,0	0,0
Preparação do leite	0,1	0,2
Fabricação de produtos do laticínio	9,4	6,7
Fabricação de sorvetes	0,8	2,2
Beneficiamento de arroz e fabricação de produtos do arroz	0,3	0,1
Moagem de trigo e fabricação de derivados	1,8	1,4
Fabricação de farinha de mandioca e derivados	0,0	0,0
Fabricação de fubá e farinha de milho	0,0	0,0
Fabricação de amidos e féculas de vegetais e fabricação de óleos de milho	0,6	0,5
Fabricação de rações balanceadas para animais	5,0	3,7
Beneficiamento, moagem e preparação de outros alimentos de origem vegetal	5,0	3,6
Usinas de açúcar	0,0	0,0
Refino e moagem de açúcar	0,0	0,0
Torrefação e moagem de café	0,0	0,0
Fabricação de café solúvel	0,0	0,0
Fabricação de produtos de padaria, confeitaria e pastelaria	1,6	2,8
Fabricação de biscoitos e bolachas	1,6	0,8
Produção de derivados do cacau e elaboração de chocolates, balas, gomas de mascar	7,3	10,5
Fabricação de massas alimentícias	0,2	0,4
Preparação de especiarias, molhos, temperos e condimentos	0,0	0,0
Preparação de produtos dietéticos, alimentos para crianças e outros alimentos conservados	0,7	0,0
Fabricação de outros produtos alimentícios	1,7	2,5
Fabricação, retificação, homogeneização e mistura de aguardentes e outras bebidas destiladas	0,9	0,5
Fabricação de vinho	0,0	0,0
Fabricação de malte, cervejas e chopes	4,7	1,9
Engarrafamento e gaseificação de águas minerais	0,0	0,0
Fabricação de refrigerantes e refrescos	2,4	2,7
Produção de álcool	0,0	0,0
TOTAL	100,0	100,0

FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 1994-1999.

Portanto, rigorosamente, não se evidencia uma diversificação na indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico, mas a existência de duas classes de atividade econômica fortes, de outras duas menos importantes e de algumas outras residuais, repetindo, de alguma forma, a estrutura do emprego da indústria de transformação, conforme visto acima. Na verdade, a análise ancorada na variável emprego formal tem um alcance limitado, por duas razões: primeira, perde-se o informal; segunda, as empresas mais intensivas em tecnologia são poupadoras de mão-de-obra. Logo, é preciso deslocar o foco de análise para a base produtiva, procurando-se conhecer a composição e o comportamento do produto do Vale do Taquari, com vistas a identificar os setores e os segmentos que dão sustentação/suporte à economia regional.

3 - A evolução do produto no Vale do Taquari, nos anos 90

A década de 90, que, para efeitos deste ponto da análise, compreende os anos de 1990 a 1999,¹⁴ foi melhor para o Vale do Taquari do que para o Estado; o produto total do Corede acusou variação de 35,8%, enquanto o do RS cresceu 28,0% (Tabela 7). A participação da região no produto total do RS praticamente não se alterou, situando-se em 3,9% em 1990 e 4% em 1999.

Tabela 7

Distribuição e variação percentual do VAB, por setor de atividade, no Corede Vale do Taquari — 1990 e 1999

DISCRIMINAÇÃO	1990	1999	Δ%
Agropecuária	13,3	18,1	64,8
Indústria	55,2	46,4	33,1
Total do setor serviços	31,5	35,5	24,7
TOTAL	100,0	100,0	35,8

FONTE: Núcleo de Contabilidade Social-FEE.

¹⁴ Nesse item, adota-se não só uma periodização um pouco diferente, mas, também, uma desagregação setorial distinta, acompanhando o critério da fonte dos dados.

Os mesmos seis municípios responsáveis pela maior parcela do emprego formal o eram também pela maior parcela do produto gerado no Vale do Taquari em 1990 e 1999, embora tenha havido uma desconcentração no período. Lajeado, Estrela, Arroio do Meio, Teutônia, Taquari e Encantado, reunidos, alcançavam uma participação da ordem de 76% no VAB do Corede no primeiro ano e cerca de 66% no último.¹⁵ Essa ordenação sofre uma alteração em 1999, em virtude do Município de Teutônia assumir a segunda posição, logo atrás de Lajeado.

Grande parte dos municípios que integram o Corede (20) conseguiram taxas positivas de variação do VAB,¹⁶ sendo que, destes, 13 (Nova Bréscia¹⁷, Pouso Novo, Progresso, Teutônia, Paverama, Imigrante, Fontoura Xavier, Roca Sales, Ilópolis, Relvado, Poço das Antas, Anta Gorda e São José do Herval) tiveram variação do produto superior à do Corede. Entre os sete restantes, os que tiveram as taxas de variação do produto inferiores às do Corede — Encantado, Estrela, Cruzeiro do Sul, Putinga, Taquari, Arroio do Meio e Lajeado¹⁸ —, encontravam-se os grandes municípios da região. Os municípios que tiveram variação negativa foram Muçum, Arvorezinha, Dois Lajeados e Bom Retiro do Sul, sendo que a maior retração, de 40,2%, ocorreu em Muçum.

A performance favorável à região manifestou-se em todos os setores. O destaque é a agropecuária, setor que liderou o crescimento da região, com uma variação do produto de 64,8% entre 1990 e 1999, muito acima dos 30,9% alcançados pelo congêneres estadual. A indústria registrou, no Vale do Taquari, o segundo melhor desempenho, com uma taxa de variação de 33,1% contra 32,4% do congêneres estadual. No setor serviços, as taxas de variação do produto foram de 24,7% no Corede e de 21,5% no RS. Vê-se, pois, que, excetuando a agropecuária, os diferenciais entre as taxas de variação setorial do Valor Adicionado Bruto do Corede e do Estado foram pequenos (Tabela 7).

¹⁵ A queda da participação desses municípios no VAB da região, provavelmente, está associada à criação de novos municípios que se desmembraram de Lajeado, Taquari, Estrela, Encantado e Arroio do Meio, os quais "levaram" parte do VAB dos municípios de origem.

¹⁶ Evidentemente, não figuram os municípios criados após 1990: Capitão, Colinas, Doutor Ricardo, Fazenda Vila Nova, Itapuça, Marques de Souza, Mato Leitão, Santa Clara do Sul, Sério, Tabai, Travesseiro e Vespasiano Correa. Quase todos eles com participação no VAB regional inferior a 1%.

¹⁷ Nova Bréscia foi o destaque na região em termos de desempenho do VAB, com o maior incremento na década, 128,5%.

¹⁸ Em Lajeado, o produto manteve-se praticamente constante, pois a variação foi de apenas 0,3%, o que, em larga medida, pode estar associado às emancipações recém-referidas.

A estrutura produtiva da região, apesar das alterações nas participações setoriais ao longo do período, manteve as posições relativas de cada um dos setores. Em 1999, a indústria continuava como o setor de maior peso na geração do produto regional, ainda que tenha diminuído a sua participação de 55,2% para 46,4%. O setor serviços ocupava a segunda posição, com 35,5%, tendo experimentado um incremento de, aproximadamente, quatro pontos percentuais na sua participação em relação a 1990. Por último, a agropecuária, responsável por 18,1% do produto regional, mostrou um crescimento em torno de cinco pontos percentuais no período¹⁹ (Tabela 7).

Assim como se procedeu no exame do emprego formal, deve-se proceder com a análise do produto, ou seja, examinar o interior da indústria para encontrar as atividades mais significativas do ponto de vista da produção industrial. Entretanto não se dispõe de informações do VAB, nem mesmo das vendas, com esse nível de desagregação. Por isso, tratou-se de utilizar uma *proxy* das vendas, que é o valor das saídas totais, fornecido pela Secretaria da Fazenda. O período coberto por esses dados é de 1996 a 1999, o que restringe a observação a esses anos.

Dentro da indústria, produtos alimentares e vestuário, calçados e artefatos de tecidos são responsáveis, em conjunto, por aproximadamente 73% do valor das saídas tanto em 1996 quanto em 1999. Se for somado um terceiro — couros, peles e similares —, alcança-se 80,2% em um ano e 81,1% no outro. Produtos alimentares, isoladamente, respondia por 55,3% em 1996, recuando para 52,8% em 1999. Vestuário, calçados e artefatos de tecidos passaram de 17,8% para 20,7%, enquanto couros, peles e similares praticamente não oscilaram, permanecendo em torno dos 7,5%. A química ocupava a quarta posição, com 4,7% em 1996 e 6,2% em 1999 (Tabela 8). Portanto, até esse momento, as evidências são no sentido de uma concentração da indústria do Vale do Taquari em poucas atividades, contrariando a noção de diversificação. Conhecidas as atividades que dão sustentação à indústria regional, pode-se avançar para o detalhamento da indústria de produtos alimentares, dada a sua importância relativa.

¹⁹ No RS, serviços, desde 1990, era o setor de maior peso na geração do produto estadual, com 49,2% em 1999. Seguiam-se a indústria e a agropecuária, com 37,5% e 13,3% respectivamente.

Tabela 8

Distribuição percentual das saídas totais por destino, segundo a seção da indústria de transformação, no Corede Vale do Taquari — 1996 e 1999

DISCRIMINAÇÃO	1996	1999
Minerais não-metálicos	0,8	0,6
Metalúrgica	1,6	1,6
Mecânica	0,4	0,3
Material elétrico e de comunicações	0,0	0,0
Material de transporte	0,3	0,2
Madeira	3,7	2,5
Mobiliário	1,3	1,0
Papel e papelão	1,3	1,3
Borracha	0,0	0,0
Couros, peles e similares	7,2	7,6
Química	4,7	6,2
Produtos farmacêuticos e veterinários.....	0,0	0,0
Perfumaria, sabões e velas	1,3	1,3
Produtos de matéria plástica	0,7	0,8
Têxtil	0,1	0,1
Vestuário, calçados e artefatos de tecidos	17,8	20,7
Produtos alimentares	55,3	52,8
Bebidas	3,1	2,6
Fumo	0,0	0,0
Editorial e gráfica	0,1	0,1
Diversas	0,3	0,2
TOTAL	100,0	100,0

FONTE: Secretaria da Fazenda do RS.

Podem ser identificadas três atividades amparando a indústria de produtos alimentares nesses dois anos: carnes, miudezas e comestíveis (32,3% em 1996 e 35,5% em 1999), leite e laticínios, ovos, mel natural (25,7% em 1996 e 18,9% em 1999) e resíduos e desperdícios das indústrias alimentares (17,8% em 1996 e 15,0% em 1999). Juntas, elas perfaziam 75,7% do valor das saídas em 1996 e 69,5% em 1999. A queda em relação ao último ano deve-se ao aumento de participação de sementes e frutos oleaginosos, grãos e sementes, que passaram de 3,0% para 9,4%, e à especial retração de leite e laticínios, ovos, mel natural. Mais uma vez, está-se diante de algumas atividades relevantes, funcionando como suporte à indústria de produtos alimentares, e de outras poucas de importância menor, e o restante é residual (Tabela 9).

Tabela 9

Distribuição percentual das saídas totais por destino, na divisão de produtos alimentares, segundo os grupos de indústria, no Corede Vale do Taquari — 1996 e 1999

DISCRIMINAÇÃO	1996	1999
Açúcares e produtos de confeitaria	2,2	2,9
Cacau e suas preparações	0,6	0,5
Café, chá, mate e especiarias	2,9	1,8
Carnes e miudezas, comestíveis	32,3	35,5
Cereais	1,6	1,5
Frios, preparação de carnes, peixes, crustáceos e moluscos ...	3,7	3,0
Frutas, cascas de cítricos e de melões	0,0	0,0
Gorduras e óleos animais ou vegetais	5,9	7,4
Leite e laticínios, ovos, mel natural	25,7	18,9
Preparações a base de cereais, produtos de pastelaria	1,0	0,6
Preparações alimentícias diversas	1,1	1,2
Preparações de produtos hortícolas e de frutas	0,0	0,2
Produtos da indústria de moagem	2,1	1,9
Produtos hortícolas, planta, raiz, tubérculos comestíveis	0,0	0,0
Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares	17,8	15,0
Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes	3,0	9,4
TOTAL	100,0	100,0

FONTE: Secretaria da Fazenda do RS.

4 - Considerações finais

A proposta central deste artigo foi a de buscar evidências empíricas que permitissem submeter à verificação as impressões dos atores locais do Vale do Taquari, colhidas no trabalho de campo, de que a economia da região era diversificada e de que essa condição explicaria o bom desempenho da economia regional e do seu mercado de trabalho nos anos 90. Com essa motivação, procedeu-se à análise do mercado de trabalho formal e da estrutura produtiva ao longo da década, com ênfase na identificação dos elementos que apontassem na direção da diversificação ou da concentração.

Considerando-se o saldo final, os anos 90 foram melhores para o espaço regional do que para o agregado do RS, pois as taxas de variação do produto e do emprego formal foram bastante expressivas frente às do Estado. Chamou atenção a expansão do mercado de trabalho formal no Corede (de 9,3% entre 1989-99) em uma década marcada, nos planos nacional e estadual, pela eliminação de milhares de postos de trabalho, sobretudo na indústria, que, na região, também cresceu, 7,1%. O crescimento do produto regional, de 34,5% entre 1990-99, superior ao do RS, é igualmente destacável, despontando a taxa de variação da agropecuária de 64,8%, muito acima do congêneres estadual.

A abordagem da estrutura do emprego formal e do produto, com vistas a identificar as atividades predominantes, avançou por partes. No primeiro momento da análise, tanto sob a ótica do mercado de trabalho quanto da base produtiva, ainda não se encontravam evidências de uma economia diversificada, possivelmente em virtude do nível de agregação setorial de que se estava tratando. Tinha-se que, no final dos anos 90, a indústria de transformação empregava um pouco mais da metade do total de trabalhadores formais do Corede. Na ordem de importância, seguiam-se o setor serviços — com uma larga distância em relação ao primeiro —, o comércio e a administração pública. Os outros setores eram pouco expressivos, respondendo por menos de 3% do total. No tocante ao produto, a indústria também liderava, gerando 46,2% do que era produzido na região, em 1999; depois dela, vinha o setor serviços e, por último, a agropecuária.

Ao se avançar na análise, primeiramente com o foco no emprego formal, desdobrou-se a indústria de transformação nos seus subsetores para concluir que dois deles (a indústria de calçados e a de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico), em conjunto, eram responsáveis por 71,1% do pessoal empregado em 1993, sendo que produtos alimentícios, etc. não só aumentou em 9,5 pontos percentuais a sua participação relativa, como acusou o maior crescimento de contingente; logo, mereceria um olhar detalhado na tentativa de achar elementos que apontassem para a diversificação. Ao se verificar a sua composição interna, percebe-se que, na série 1989 a 1993, uma única subatividade — abate de animais em matadouros e frigorífico — empregava mais da metade dos trabalhadores em 1993. Na série 1994 a 1999, observa-se que duas classes de atividade econômica (abate de reses, preparação de produtos de carne; abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de carne) respondiam por um pouco mais da metade do emprego formal em 1999 e, quando somadas a outras duas, respondiam, em conjunto, por 70,7% do emprego formal na indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico.

Logo, utilizando-se a variável emprego, não se alcançam evidências de uma diversificação industrial, mas a existência de dois subsetores com presença forte no âmbito da indústria de transformação, e, no caso da de produtos alimentícios, encontram-se duas atividades relevantes, outras poucas de importância menor e algumas residuais.

Ao se dirigir o foco para o produto, as constatações não divergem. No período coberto pelos dados, 1996 a 1999, percebe-se que, dentro da indústria, dois segmentos — produtos alimentares e vestuário, calçados e tecidos — foram responsáveis, em conjunto, por um pouco mais de 70% do valor das saídas, sendo que produtos alimentares, sozinho, respondia por 52,8%. Produtos alimentares, por sua vez, tem como base três atividades — carnes, miudezas e comestíveis; leite e laticínios, ovos, mel natural; e resíduos e desperdícios

das indústrias alimentares —, que, juntas, representavam 75,7% do valor das saídas. Observa-se, portanto, que a indústria do Vale do Taquari é sustentada por dois segmentos que são predominantes e por alguns outros de presença menos marcante, contrariando a noção de diversificação e apontando para uma especialização.

A percepção que os atores locais expressam a respeito da diversificação da estrutura produtiva do Vale do Taquari, conforme se demonstrou, não encontra respaldo nos dados estatísticos aqui analisados. Evidentemente, essa constatação, longe de comprometer o interesse pelo depoimento desses agentes — especialmente quando se considera o grau de convergência entre eles apresentado —, sinaliza a necessidade de aprofundamento, na pesquisa de campo, da significação por eles atribuída à noção de diversificação, o que pode se constituir num procedimento muito rico no sentido de aportar elementos qualitativos altamente relevantes para a investigação.

Bibliografia

BASTOS, Raul Luís A. Produto e emprego nas Regiões do Rio Grande do Sul nos anos 90: uma abordagem exploratória dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 245-271, 2002.

JORNADA, Maria Isabel H. da. Escolaridade e rendimentos no mercado de trabalho formal do RS, nos anos 90. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 180-195, 2002.

JORNADA, Maria Isabel H. da. Rendimentos no mercado de trabalho formal no RS e em suas regiões. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 228-249, 2001.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DA COORDENAÇÃO E PLANEJAMENTO/Departamento de Desenvolvimento Regional e Urbano — Departamento de Planejamento Estratégico. **Perfil da Região do Vale do Taquari**. (Orçamento Participativo 2001-2002). Disponível em: www.scp.rs.gov.br Acesso em: mar. 2002.

STERNBERG, Sheila S. Wagner. O emprego formal no Corede Vale do Rio dos Sinos: uma trajetória marcada pela forte retração do emprego industrial. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 28, n. 2, p. 248-283, 2000.

STERNBERG, Sheila S. Wagner. O mercado formal de trabalho no RS e em suas regiões, na década de 90. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, 2002.

STERNBERG, Sheila S. Wagner; JORNADA, Maria Isabel H. da; XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. O emprego formal no RS, nos anos 90: diferenciais na retração. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 209-248, 2000.

XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. Os mercados de trabalho do RS — a diversidade regional em uma primeira aproximação. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 30, n. 1, p. 103-123, 2002.

XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F. et al. Mercado de trabalho no Rio Grande do Sul, nos anos 90. In: FLIGENSPAN, Flávio B. (org.). **Economia gaúcha e reestruturação nos anos 90**. Porto Alegre: FEE, 2000.

XAVIER SOBRINHO, Guilherme G. de F.; STERNBERG, Sheila S. Wagner; JORNADA, Maria Isabel H. da. Escolaridade do trabalhador formal no RS: evolução em um quadro de diversidades regionais. **Indicadores Econômicos**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 62-93, 2000.